

ENTUSIASMO

CARTAS

Na sala de jantar do Hotel Comercial, Louisa abriu a carta que tinha chegado nesse dia do estrangeiro. Comeu bife com batatas, a sua refeição habitual, e bebeu um copo de vinho. Havia alguns representantes comerciais na sala, e o dentista que vinha jantar todas as noites porque era viúvo. Ao princípio mostrara algum interesse por ela, mas dissera-lhe que nunca tinha visto uma mulher a beber vinho ou outras bebidas alcoólicas.

— É por motivos de saúde — respondera Louisa gravemente.

As toalhas brancas eram mudadas todas as semanas e protegidas entretanto com oleado. No inverno, a sala de jantar cheirava ao oleado esfregado com um pano de cozinha, e ao fumo do carvão no forno, e a molho de carne, batatas secas e cebolas — um cheiro não desagradável de todo para quem viesse do frio com fome. Em cada mesa havia um pequeno galheteiro com molho de carne, molho de tomate e uma taça de rábano picante.

A carta vinha dirigida à “Bibliotecária, Biblioteca Pública de Carstairs, Carstairs, Ontário”. Estava datada de há seis semanas — 4 de janeiro de 1917.

Talvez fique surpreendida por receber notícias de uma pessoa que não conhece e que não se lembra do seu nome. Espero que ainda seja a mesma bibliotecária, embora já tenha passado tempo suficiente para se ter mudado.

O que me trouxe ao hospital não é demasiado grave. Vejo pior à minha volta e distraio-me de tudo isto a imaginar coisas e a pensar, por exemplo, se ainda trabalha na Biblioteca. Se for quem eu penso, é de estatura média ou quase, com cabelo castanho-claro. Chegou uns meses antes de eu ir para o exército, e substituiu Miss Tamblyn, que estava lá desde que eu me tornei leitor aos nove ou dez anos. No tempo dela, os livros estavam espalhados por todo o lado, e era por nossa conta e risco que lhe pedíamos ajuda ou fosse o que fosse, porque ela era um autêntico dragão. Mas quando a veio substituir, que mudança: foi tudo arrumado em secções de Ficção e Não-Ficção, História e Viagens, e organizou as revistas por ordem e expunha-as assim que chegavam, em vez de as deixar a ganhar bolor até tudo nelas perder o interesse. Senti-me grato mas não sabia como o dizer. Também não percebia como é que tinha vindo ali parar, sendo uma pessoa culta.

O meu nome é Jack Agnew e o meu cartão está na gaveta. O último livro que requisitei era muito bom: Mankind in the Making, de H. G. Wells. Não cheguei a acabar o liceu, porque entrei para a Fábrica Doud, tal como muitos outros. Não me alistei logo que fiz dezoito anos, por isso não me vai achar um herói. Sou uma pessoa com tendência para seguir sempre as suas próprias ideias. A única família que tenho em Carstairs, aliás no mundo inteiro, é o meu pai, Patrick Agnew. Ele trabalha para os Douds, não na fábrica, mas na casa, como jardineiro. É um lobo solitário ainda pior do que eu e vai para o campo pescar sempre que pode. Escrevo-lhe às vezes cartas, mas duvido que as leia.

Depois do jantar Louisa subiu até à sala de estar das senhoras, no segundo andar, e sentou-se à secretária para escrever a sua resposta.

Fico muito contente por saber que apreciava o meu trabalho na Biblioteca, embora fosse apenas a organização normal.

Tenho a certeza de que gostaria que eu lhe desse notícias da sua terra, mas considero-me a pessoa menos indicada para isso, uma vez que sou uma estranha aqui. Claro que falo com pessoas na Biblioteca e no hotel. Os viajantes que passam pelo hotel falam sobre como vai o negócio (corre bem, quando se consegue arran-

jar os produtos) e um pouco sobre doenças, e muito sobre a Guerra. Há rumores e mais rumores, e opiniões para todos os gostos, que de certeza o fariam rir, caso não o irritassem. Não me vou dar ao trabalho de as transcrever, porque de certeza que há algum censor a ler isto, que rasgaria logo a minha carta.

Pergunta-me como é que vim aqui parar. Não há nenhuma história interessante. Os meus pais morreram ambos. O meu pai trabalhava para os armazéns Eaton's de Toronto, na secção de mobiliário, e após a morte dele a minha mãe também lá trabalhou, nos têxteis. E eu própria trabalhei lá durante algum tempo, na livraria. Talvez se possa dizer que os armazéns Eaton's eram o equivalente à vossa Fábrica Doud. Fiz o liceu no Jarvis Collegiate. Depois tive uma doença que me obrigou a passar muito tempo no hospital, mas agora já estou bem. Tive bastante tempo para ler e os meus autores preferidos são Thomas Hardy, a quem acusam de ser pessimista, mas que me parece ser muito fiel à vida — e Willa Cather. Calhou estar nesta cidade quando soube que a bibliotecária tinha morrido e pensei que talvez fosse o emprego certo para mim.

Ainda bem que a sua carta me chegou hoje, porque estou quase a ter alta e não sei se a teriam reenviado para onde vou. Fico contente por não ter achado a minha carta demasiado disparatada.

Se encontrar o meu pai ou outra pessoa qualquer, não precisa de dizer que nos estamos a corresponder. Ninguém tem nada que ver com isso e sei que muitas pessoas iriam gozar por eu escrever à bibliotecária, tal como o faziam quando eu ia à Biblioteca, por isso porque é que havemos de lhes dar essa satisfação?

Estou contente por sair daqui. Tenho mais sorte do que muitos à minha volta que nunca voltarão a andar ou a ver e que terão de se esconder do mundo.

Perguntou-me onde é que eu morava em Carstairs. Bem, não era nenhum sítio de que se pudesse ter orgulho. Se sabe onde é que fica Vinegar Hill, ao fim da Flowers Road, é a última casa à direita, em tempos pintada de amarelo. O meu pai cultivava batatas, ou cultivava. Eu costumava levá-las para a cidade na minha carroça, e ganhava cinco cêntimos por cada carga que vendesse.

Fala de autores preferidos. Já gostei bastante de Zane Grey, mas deixei as histórias de ficção para passar a ler sobre História ou viagens. Às vezes leio autores muito acima das minhas capacidades, eu sei, mas aprendo sempre alguma coisa com eles. H. G. Wells, que referi, é um deles, assim como Robert Ingersoll, que escreve sobre religião. Fizeram-me refletir. Se for muito religiosa, espero não a ter ofendido.

Um dia em que fui à Biblioteca, era sábado à tarde e a Louisa tinha acabado de abrir a porta e acender as luzes, porque estava escuro e a chover. No caminho, tinha sido apanhada sem chapéu nem guarda-chuva e ficara com o cabelo molhado. Tirou os ganchos e deixou-o solto. É demasiado pessoal perguntar-lhe se ainda o usa comprido ou se o cortou entretanto? Aproximou-se do aquecedor, sacudiu o cabelo e a água crepitou como gordura numa frigideira. Eu estava sentado a ler uma Illustrated News sobre a Guerra. Trocámos um sorriso. (Não queria dizer que o seu cabelo era gorduroso, quando escrevi aquilo!)

Não cortei o cabelo, embora já tenha pensado várias vezes nisso. Não sei se não o faço por vaidade ou por preguiça.

Não sou muito religiosa.

Fui até Vinegar Hill e descobri a sua casa. As batatas estão com bom aspeto. Um cão de guarda ladrou-me, é seu?

O tempo está a ficar mais quente. Já tivemos a cheia do rio, que deve acontecer todas as primaveras. A cave do hotel ficou inundada, o que contaminou a nossa água, por isso têm-nos dado cerveja ou ginger ale para beber. Mas só se lá vivermos ou estivermos hospedados. Como deve imaginar, houve bastantes piadas em relação a isso.

Gostaria de saber se precisa que lhe envie alguma coisa.

Não preciso de nada em especial. Recebo o tabaco e as outras coisas que as senhoras de Carstairs arranjam para nós. Gostava de ler alguns livros dos autores que referi mas duvido que tenha oportunidade disso aqui.

Outro dia um homem morreu de ataque cardíaco. Foi a grande Notícia de sempre. Já soubeste do homem que morreu de ataque

cardíaco? Só se ouvia falar disso aqui, dia e noite. Depois todos se riam, o que parece insensível, mas foi tão estranho. Nem sequer foi em combate, por isso não se podia dizer que ele se assustara. (Aliás, ele estava a escrever uma carta nesse momento, por isso é melhor eu ter cuidado.) Antes e depois dele morreram muitos outros, abatidos a tiro ou em explosões, mas ele é que é famoso, o que morreu de ataque cardíaco. Todos comentam que para isso não era preciso fazer uma viagem tão longa, ainda por cima à custa do Exército.

O verão foi tão seco que o camião-cisterna percorria as ruas todos os dias, tentando assentar a poeira. As crianças dançavam atrás dele. Apareceu mais uma novidade na cidade — um carrinho com uma campainha a vender gelados, e as crianças também o seguiam com atenção. Era empurrado pelo homem que teve o acidente na fábrica — deve saber de quem é que estou a falar, embora não me consiga lembrar do nome. Perdeu o braço até ao cotovelo. O meu quarto de hotel, como fica no terceiro andar, parecia um forno, e eu chegava a ficar na rua até depois da meia-noite. Assim faziam muitas outras pessoas, às vezes até de pijama. Era como um sonho. Ainda havia alguma água no rio, suficiente para andar de barco a remos, e o pastor metodista fez isso num domingo de agosto. Estivera a rezar por chuva numa cerimónia pública. Mas havia um pequeno rombo no barco e a água entrou, molhou-lhe os pés e o barco acabou por se afundar, deixando-o de pé dentro do rio, que mal lhe chegava à cintura. Terá sido um acidente ou uma partida maliciosa? Todos comentavam que as suas orações tinham sido atendidas mas do lado errado.

Passo muitas vezes pela propriedade dos Douds nos meus passeios. O seu pai mantém os relvados e as sebes com um aspeto esplêndido. Gosto da casa, tão original e espaçosa. Mas se calhar também não estava muito fresco lá dentro, porque ouvi as vozes da mãe e da sua filha bebé, já de noite, como se estivessem no relvado.

Embora lhe tenha dito que não precisava de nada, há uma coisa que gostava de ter. E é uma fotografia sua. Espero que não ache que estou a ultrapassar os limites ao fazer este pedido. Talvez a